

Diário de Petrópolis, 27 de Novembro de 2022

Como Competir com Um Fornecedor Internacional

Por: Ronaldo Fiani

Nos últimos artigos venho discutindo as dificuldades que as cadeias globais de valor vêm enfrentando, em função da pandemia e das tensões entre Estados Unidos e China, que adotaram políticas declaradas de competição e autossuficiência tecnológica, com repercussões justamente naquelas etapas das cadeias globais de maior valor agregado (e, portanto, margem de lucro mais elevada).

Esta situação tem levado alguns economistas e autoridades no Brasil a vislumbrarem nestas dificuldades a oportunidade de ouro para as empresas e a indústria brasileira, não obstante esta última estar minguando há décadas, conforme destaquei em meu último artigo. A crise nas cadeias globais de valor, no entender destes analistas, fariam com que empresas de países menos sujeitos a problemas políticos fossem convidadas a substituir fornecedores das nações afetadas.

Não é bem assim. A teoria econômica e as evidências relacionadas ao estudo das indústrias mostram que a situação dos atuais fornecedores na Ásia não é conjuntural, isto é, algo que pode ser alterado de acordo com as circunstâncias, mas sim resultado de fatores estruturais, ou seja, de um conjunto de elementos coerente e mais ou menos permanente, portanto, que não pode ser alterado com facilidade.

Em primeiro lugar, os países asiáticos que abrigam estes fornecedores internacionais das cadeias globais de valor de maior valor agregado (vale repetir, que oferecem as margens de lucro mais elevadas aos seus participantes), destacadamente Taiwan e a região do sul da China possuem infraestrutura de qualidade muito superior àquela do Brasil, mesmo em nossas áreas mais desenvolvidas.

Mesmo não levando em conta a questão da infraestrutura, temos dois outros fatores importantes, que precisam ser considerados no momento de traçar uma estratégia para as empresas brasileiras nestas cadeias globais de valor. Eles são: economias de escala estáticas e economias de escala dinâmicas.

As economias de escala estáticas são as reduções no custo de cada unidade produzida que resultam do simples aumento na quantidade que se produz. Elas resultam apenas do fato de que se está produzindo mais com as mesmas instalações, ou com as mesmas máquinas. Também resultam do aumento na quantidade produzida com uma mesma equipe de pesquisa e desenvolvimento de novos produtos.

Ou seja, as economias de escala dinâmicas resultam do fato de que os fornecedores das cadeias globais de valor, por terem alcançado escala internacional conseguem um volume de produção muito grande em relação aos investimentos e, desta forma, podem oferecer produtos mais em conta. Obviamente, não se pode esperar que as empresas brasileiras cresçam do dia para a noite e atinjam a mesma escala. Portanto, é preciso traçar uma estratégia de crescimento gradual, agregando mercados regionais até se poder atingir uma escala competitiva com os fornecedores internacionais.

O segundo fator estrutural é representado pelas economias de escala dinâmicas. Neste caso, a redução do custo por unidade não advém do maior volume, mas sim do fato que se está produzindo o item em questão há mais tempo. A razão

disto é que a produção de itens tecnologicamente mais sofisticados (que, repetindo uma vez mais, são os que geram maior margem de lucros aos participantes) envolvem um importante processo de aprendizagem.

A razão é simples: muito na produção destes itens não pode ser codificado em manuais. Logo, componentes tecnologicamente mais complexos envolvem significativo aprender fazer. Na verdade, de uma forma geral os segmentos industriais mais sofisticados não são apenas resultado de dinheiro investido, mas também de um processo de aprendizagem, muitas vezes demorado. Quando uma indústria destes segmentos fecha, perde-se conhecimento, que depois é difícil recuperar.

É preciso, portanto, investir em conhecimento e pesquisa, além de estimular o crescimento das empresas brasileiras e de nossa indústria, se esperamos aproveitar as possibilidades abertas pela crise das cadeias globais de valor.

Link para a matéria original:

<https://www.diariodepetropolis.com.br/integra/ronaldo-fiani-224329>